

*incluir para  
NÃO excluir!*

*Heizel*

Organizadores  
**Irene Rizzini**  
**Paulo Silveira**



*incluir para  
NÃO excluir!*



*Heinzl*



**Coordenador Nacional da Rede UNIDA**  
Túlio Batista Franco

**Coordenação Editorial**  
**Editor-Chefe:** Alcindo Antônio Ferla

**Editores Associados:** Ricardo Burg Ceccim, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrove.

**Conselho Editorial:**  
**Adriane Pires Batiston**  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

**Alcindo Antônio Ferla**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

**Àngel Martínez-Hernáez**  
(Universitat Rovira i Virgili, Espanha).

**Angelo Stefanini**  
(Università di Bologna, Itália).

**Ardigó Martino**  
(Università di Bologna, Itália).

**Berta Paz Lorido**  
(Universitat de les Illes Balears, Espanha).

**Célia Beatriz Iriart**  
(University of New Mexico, Estados Unidos da América).

**Denise Bueno**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

**Emerson Elías Merhy**  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).

**Érica Rosalba Mallmann Duarte**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

**Francisca Valda Silva de Oliveira**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil).

**Hêider Aurélio Pinto**  
(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil).

**Izabella Barison Matos**  
(Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

**João Henrique Lara do Amaral**  
(Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).

**Júlio Cesar Schweickardt**  
(Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).

**Laura Camargo Macruz Feuerwerker**  
(Universidade de São Paulo, Brasil).

**Leonardo Federico**  
(Universidad Nacional de Lanús, Argentina).

**Lisiane Bôer Possa**  
(Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).

**Liliana Santos**  
(Universidade Federal da Bahia, Brasil).

**Luciano Bezerra Gomes**  
(Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

**Mara Lisiane dos Santos**  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

**Márcia Regina Cardoso Torres**  
(Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil).

**Marco Akerman**  
(Universidade de São Paulo, Brasil).

**Maria Augusta Nicoli**  
(Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália).

**Maria das Graças Alves Pereira**  
(Instituto Federal do Acre, Brasil).

**Maria Luiza Jaeger**  
(Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil).

**Maria Rocineide Ferreira da Silva**  
(Universidade Estadual do Ceará, Brasil).

**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira**  
(Universidade Federal do Pará, Brasil).

**Quelen Tanize Alves da Silva**  
(Grupo Hospitalar Conceição, Brasil)

**Ricardo Burg Ceccim**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

**Rodrigo Tobias de Sousa Lima**  
(Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).

**Rossana Staevie Baduy**  
(Universidade Estadual de Londrina, Brasil).

**Sara Donetto**  
(King's College London, Inglaterra).

**Sueli Terezinha Goi Barrios**  
(Associação Rede Unida, Brasil).

**Túlio Batista Franco**  
(Universidade Federal Fluminense, Brasil).

**Vandertéia Laodete Pulga**  
(Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

**Vera Lucia Kodjaoglanian**  
(Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil).

**Vera Maria da Rocha**  
(Associação Rede Unida, Brasil).

**Vincenza Pellegrini**  
(Università di Parma, Itália).

**Comissão Executiva Editorial**  
Alana Santos de Souza  
Jaqueline Miotto Guarnieri  
Márcia Regina Cardoso Torres  
Renata Riffel Bitencourt

**Diagramação**  
Lucas Bezerra  
Silas Nascimento



## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

**R627i Rizzini, Irene; Silveira, Paulo (org.).**

Incluir para não excluir! / Organizadores: Irene Rizzini e Paulo Silveira. – 1. ed.

Porto Alegre, RS : Editora Rede Unida, 2022.

763 p. (Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, v. 24).

E-book: PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-54329-83-9

DOI 10.18310/9788554329839

1. Cuidado. 2. Pessoas em Situação de Rua. 3. Saúde Pública. I. Título. II. Assunto.  
III. Organizadores.

22-30180136

CDD 614:305.56

CDU 614-058.51

### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Saúde Pública; Grupos sociais: Moradores de rua.

2. Serviços de Saúde Pública; Morador de rua.

### INCLUIR PARA NÃO EXCLUIR!

ISBN 978-85-54329-83-9



RIZZINI, Irene; SILVEIRA, Paulo (org.). **Incluir para não excluir!**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022. (Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, v. 24). E-book (PDF). ISBN 978-85-54329-83-9.

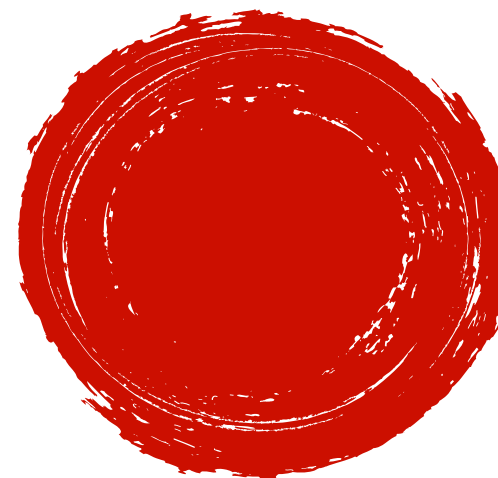
“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.”

*Paulo Freire*

Dedicamos este livro a todes aqueles que ao longo desses últimos anos têm sido colocados às margens da sociedade e seus direitos usurpados, num sistema que prioriza uns poucos em detrimento da imensa maioria.

De nossa parte, nos comprometemos a continuar na luta para que nos orgulhemos de fazer parte da humanidade.

Desculpem-nos se ainda somos insuficientes para viabilizar uma humanidade onde todos tenham seus direitos e sua cultura respeitados, suas vozes escutadas, mas pior que a derrota é não lutar!



## incluindo...

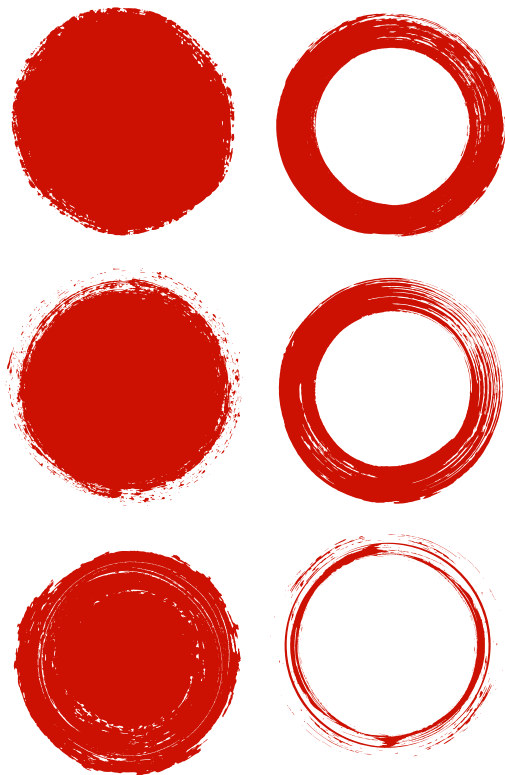
<b>Aspectos do cuidado integral para pessoas em situação de rua acompanhadas por CAPS ad e unidade de acolhimento – um olhar para e pela terapia ocupacional.....</b>	<b>19</b>
Fernanda Oliveira Mota, Rafaela Maria Alves Martins Fonseca, Josenaide Engracia dos Santos e Andrea Donatti Gallassi (correspondências)	
<b>Ronda de Direitos Humanos – RONDADH “A Defensoria Pública além do gabinete”.....</b>	<b>51</b>
Carla Beatriz Nunes Maia e Gabriela Veras Mourão	
<b>A Transformação dos Papéis policiais: “Protetores da Saúde Pública e Protetores da Segurança Pública” (versão Português).....</b>	<b>67</b>
Dr. R. Dan Small	
<b>The Transformation of Police Roles: Protectors of Public Health and Protectors of Public Safety (versão Inglês).....</b>	<b>115</b>
Dr. R. Dan Small	
<b>A Lógica da “Inclusão” Através da Repressão Um desafio à ideia de exclusão social através da análise da atuação do Estado nas Favelas do Rio de Janeiro.....</b>	<b>161</b>
Francisco Rebel Barros	
<b>O Jornal Boca de Rua como espaço de mobilização política de pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre/RS.....</b>	<b>187</b>
Caroline Silveira Sarmiento, Luiza Maia Fagundes e Talita Fernandes	
<b>Inclusão social é parte central da sustentabilidade corporativa.....</b>	<b>219</b>
Marco F. Simões-Coelho	
<b>Da margem ao centro: a visibilidade das crianças sul americanas nos estudos da infância.....</b>	<b>231</b>
Monique Aparecida Voltarelli	
<b>Educação inclusiva de jovens com deficiência até o nível mais alto no México A importância da transparência da informação para garantir o direito à educação (versão Português).....</b>	<b>259</b>
Norma Del Río Lugo	
<b>Educación inclusiva de jóvenes con discapacidad hasta el nivel superior en México La importancia de la transparencia informativa para garantizar el derecho a la educación (versão Espanhol).....</b>	<b>283</b>
Norma Del Río Lugo	

## pandemia

<b>Os desafios da população em situação de rua em sobreviver durante a pandemia da covid-19.....</b>	<b>309</b>
Ana Paula Santos Diniz	
<b>Infâncias e adolescências periféricas: Encontro de uma política de violação de direitos com uma pandemia.....</b>	<b>333</b>
Estela Scheinvar e Laura Souza Fonseca	
<b>Pandemia: Lições olhando para o passado de 2050 (versão Português).....</b>	<b>359</b>
Fritjof Capra e Hazel Henderson	
<b>Pandemics: Lessons looking back from 2050 (versão inglês).....</b>	<b>373</b>
Fritjof Capra e Hazel Henderson	
<b>Para além da tempestade: Pandemia, crises e a emergência de um novo presente.....</b>	<b>385</b>
Igor Mendes	
<b>Crianças, adolescentes e os desafios da pandemia de Covid-19.....</b>	<b>399</b>
Irene Rizzini, Caroline de Souza Araujo e Renata Mena Brasil do Couto	
<b>Saúde mental e globalização: as faces da vulnerabilidade do “novo normal”.....</b>	<b>435</b>
Marcello Roriz de Queiroz	
<b>Experiências de Ampliação da Vida na Escola: “bora” jogar?.....</b>	<b>453</b>
Pedro Victorino Carvalho de Souza e Ranulfo Cavalari Neto	
<b>Saúde E Vida Digna Dos Povos (versão Português).....</b>	<b>483</b>
Vivian Camacho Hinojosa	
<b>Salud Y Vida Digna De Los Pueblos (versão Espanhol).....</b>	<b>495</b>
Vivian Camacho Hinojosa	

# Registros

<u>“Rat Park” e o Futuro das Pesquisas sobre Adições (versão Português).....</u>	509
Bruce K. Alexander	
<u>Opening Sheet “Rat Park” and Future Addiction Research (versão Inglês).....</u>	547
Bruce K. Alexander	
<u>Auto-Etnografia e Suposições Naturalizadas sobre Drogas e Sociedade: O Professor e as 4 Gentilezas Pedagógicas (versão Português).....</u>	583
Dr. R. Dan Small e Bruce K. Alexander	
<u>Auto-Ethnography and Naturalized Assumptions about Drugs and Society: The Teacher and the 4 Pedagogical Kindnesses (versão Inglês).....</u>	599
Dr. R. Dan Small e Bruce K. Alexander	
<u>Instalação de Coletores Solares Térmicos com Materiais Recicláveis em Comunidades de Baixa Renda.....</u>	615
Carlos Eduardo Leal, José Carlos Xavier e José Alcino Alano	
<u>Ouvindo vozes de sujeitos (in)visíveis: Narrativas e vivências em uma cena de uso de crack no Rio de Janeiro.....</u>	631
Cristiane Cavalcante da Silva	
<u>Reflexões sobre violência endêmica em uma prisão segurança máxima em Jalisco, México (versão Português).....</u>	659
Danielle Strickland	
<u>Reflections on endemic violence from a high security prison in Jalisco, Mexico (versão Inglês).....</u>	687
Danielle Strickland	
<u>Convocar o Vento e Mostrar o Crachá:dilemas de certificação e reconhecimento em processos de saúde intercultural.....</u>	715
Diana Marcela Agudelo Ortiz	
<u>A Força do Afeto.....</u>	737
Paulo Silveira	



## Reflexões sobre violência endêmica em uma prisão segurança máxima em Jalisco, México

**Danielle Strickland**

Professora em tempo integral/pesquisadora  
Departamento de Psicologia, Educação e Saúde  
ITESO, Universidade Jesuíta de Guadalajara, México

Coordenadora do Programa de Intercâmbio  
Prisional no México

[danielle@iteso.mx](mailto:danielle@iteso.mx)

## Resumo:

Este texto aborda a história do crime organizado no México e como ele tem contribuído para uma crescente cultura de violência que engole principalmente a juventude empobrecida. A análise baseia-se em depoimentos e narrativas autobiográficas de homens presos na Penitenciária Metropolitana do Estado de Jalisco por crimes de alto impacto relacionados a operações de cartel. As páginas a seguir exploram como a violência estrutural e direta os levou a se envolverem no crime organizado, os estigmas sociais que enfrentam e como o projeto de educação transformadora que nos uniu tem impactado suas identidades e as formas como eles respondem ao serem estigmatizados.

---

Palavras-chave: Violência, crime organizado, cartéis, sistema prisional mexicano, aprendizagem transformadora, estigma, conscientização, reflexão crítica, exclusão social

Referências de práticas de distanciamento social para evitar a disseminação do Covid-19 como “o novo normal” sendo a segunda vez que notei o uso indevido deste termo no México. O primeiro surgiu com a Guerra às drogas, iniciada pelo ex-presidente Felipe Calderon, responsável por centenas de milhares de assassinatos na última década. Desde então, frequentemente falamos da “normalização” da violência no país. A descoberta de valas comuns clandestinas, marchas e protestos para dezenas de milhares de pessoas desaparecidas e tiroteios com grupos de cartéis dificilmente são “dignos de notícia” hoje em dia.

No entanto, o uso da palavra “normal” em referência a qualquer uma dessas crises revela uma aceitação submissa dos problemas, seja cedendo ou desistindo. Uma das muitas consequências dessa atitude relacionada aos trágicos níveis de violência no México é o estigma daqueles que foram acusados de cometer crimes violentos. Assim como o vírus Covid-19, eles tendem a serem vistos como uma praga social, incapazes ou relutantes em abandonar a criminalidade, e, portanto, devem ser presos ou mortos. Raramente os associados aos cartéis são vistos como indivíduos dignos de perdão, muito menos como membros valiosos da sociedade.

Para reforçar a gravidade desse estigma, tire um momento para lembrar a pior coisa que você já fez. Agora imagine que todos com quem você interage enxergam essa ação antes mesmo de qualquer outra parte de você. Esta é a realidade enfrentada pela maioria dos homens encarcerados na Prisão Metropolitana de Jalisco, México (a Metro), todos acusados de crimes de alto impacto relacionados com o cartel. Mesmo aqueles que “cumpriram seu tempo” e estão aptos a sair da prisão são obrigados a apresentar um boletim de ocorrência quando preenchem formulários de escolas ou de emprego. A ideia de deixar o crime no passado e ser capaz de se reintegrar com sucesso na sociedade parece virtualmente impossível.

Ter tido a oportunidade de ministrar cursos universitários na Metro desde 2017 me levou a compreender melhor a gravidade desse problema, não só para aqueles que são estigmatizados, mas também

para a sociedade em geral. A crença errônea de que os condenados por crime inevitavelmente continuarão a atormentar a sociedade com delinquências contribui para a “normalização” da violência e complica os esforços para fortalecer as comunidades.

Utilizando a teoria de Erving Goffman, neste artigo, eu vou explorar como rotular as pessoas fortalece a violência endêmica. Começo com uma visão geral da história do crime organizado no México e especificamente do estado de Jalisco, sede do Cartel Jalisco Nova Geração, atualmente a organização criminosa mais poderosa do hemisfério ocidental. Isso servirá como base para examinar a violência cultural no México, grande responsável pela pavimentação do caminho para a prisão para muitos participantes do projeto de educação transformadora que coordeno na Metro, conhecido como Rompemuros. Ao longo do capítulo, depoimentos e trechos de histórias de vida da revista literária produzida neste projeto serão usados para enriquecer as reflexões.

## A história do crime organizado no México

A produção de maconha e ópio começou no México no final do século XIX, e o tráfico de drogas para os EUA foi documentado pela primeira vez na década de 1920. Nesta mesma década, o México aprovou suas primeiras leis contra substâncias ilícitas, iniciando a “Guerra às Drogas”. No entanto, mesmo as primeiras gravações do tráfico mexicano notam a participação de políticos e líderes militares (Nieto, 2018). Apesar dos esforços legislativos, em meados da década de 1900 o México havia estabelecido uma posição firme no comércio internacional de drogas da América.

Os EUA entraram em guerra com o lançamento da “Operação Intercept” em 1969 para combater a produção e o tráfico de maconha no México, e os primeiros cartéis mexicanos foram fundados no início da década de 1970. A redução do mercado de maconha para os Estados

Unidos gerou um aumento na demanda por cocaína produzida na Colômbia. Em 1990, a Região Andina produzia mil toneladas de cocaína por ano, sendo a maioria traficada para os EUA através de vários cartéis mexicanos (O’Neill e Fogarty-Valenzuela, 2015).

Desde então, o governo dos EUA investiu mais de um trilhão de dólares para combater o tráfico de drogas no México. No entanto, o crime organizado está mais poderoso do que nunca. Anualmente, estima-se que cerca de 213.000 armas chegam ao México a partir dos EUA e que os cartéis mexicanos geram lucros de aproximadamente US\$ 6,6 bilhões por ano, somente dos 55 milhões de consumidores nos Estados Unidos (Linares, 2018).

Apesar da crescente demanda e diversificação de drogas traficadas por cartéis mexicanos, ‘El narco’ (o narco) foi um fenômeno relativamente isolado e controlado no México até a presidência de Felipe Calderón (2006-2012), quando as taxas de violência relacionadas à produção e venda de substâncias ilícitas aumentaram drasticamente. A nova “Guerra às Drogas” iniciada durante seu mandato aumentou os gastos públicos com segurança para sete vezes o montante da administração anterior, afetando o orçamento de outros programas públicos e, portanto, aumentando a violência estrutural contra as classes mais baixas. “Os gastos de 197.000 milhões de pesos em segurança pública para 2010 representaram praticamente o mesmo montante — 93% — do orçamento para a educação pública, e excederam o montante destinado à saúde e ao desenvolvimento social” (Azaola, 2012, p.20).

Sugados pela crescente cultura do narco, as crianças e adolescentes começaram a se concentrar menos na escola.

*“Eu frequentei [o ensino fundamental] com muitos problemas, faltando várias vezes à escola e com muitos tapas dos chinelos da minha mãe, porque eu odiava a escola... Quando eu tinha 10 anos, me tornei amigo de um garoto mais velho do bairro que me pediu para fazer uma missão para ele: ir à casa do primo pegar uma caixa de ferramentas, para a qual eu disse que sim. Ele me emprestou uma bicicleta e me disse para não abrir a caixa no caminho. Eu já sabia onde era aquela casa, então cheguei rápido e imediatamente voltei com a encomenda para a casa do meu amigo. Ele a abriu na minha frente e tirou alguns sacos com um pó que parecia farinha. Quando ele abriu um deles com uma faca, ele fez duas linhas e com um canudo ele colocou-os em seu nariz. Então ele tirou dez pesos e me deu como pagamento pela missão. Então eu continuei trazendo as caixas, pegando meus dez pesos e vendo como meu amigo cheirava as linhas até o nariz dele, até que um dia eu peguei a caixa e fui direto para minha casa, abri, peguei pó de um saco, fiz duas linhas como meu amigo fez e aspirei. Eu gostei de como eu me senti e foi aí que meu vício em ‘coca’ começou, e eu comecei a precisar de mais dinheiro para a minha adição.”*

*(Fernando, RM2, p.20)*

De acordo com dados oficiais apresentados pelo governo mexicano, havia aproximadamente 70.000 ‘narco-execuções’ e mais de 26.000 pessoas ‘desaparecidas’ durante o mandato de Felipe Calderón. A estratégia de eliminar os ‘capos’ resultou na fragmentação de vários cartéis e no envolvimento de mais jovens no crime organizado em todo o país.

*“Aquela noite foi minha iniciação em uma linha de trabalho não convencional. Cheguei em casa espantado, com minha adrenalina bombeando, o cheiro de sangue e pólvora estava impregnado no meu nariz e as imagens queimavam na minha memória.”*

*(Pedro, RM2, p. 30)*

Além da expansão do tráfico de drogas, a guerra levou a uma diversificação de atividades ilícitas em operações de cartel, incluindo sequestros, extorsão, tráfico humano e ‘huachicol’ (roubo de combustível). Durante o governo de Calderón, o sequestro aumentou 83%, os homicídios intencionais aumentaram 34% e os roubos com violência aumentaram 31% (Azaola, 2012).

Em 2007, um ramo do Cartel del Milenio (Cartel do Milênio) chamado ‘Gente Nueva’ (Gente Nova) foi formado para lutar contra o Cartel Zeta pelo controle da costa leste do México. Devido ao seu sucesso, em 2008 este grupo ficou conhecido como ‘Mata-Zetas’. A morte de Óscar Nava, líder do Cartel do Milênio, em agosto de 2009 gerou uma fragmentação do grupo, do qual surgiu o Cartel Jalisco Nova Geração (CJNG), majoritariamente composto por “mata-zetas”. O órgão de polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos (DEA) recentemente classificou o CJNG como a terceira organização criminosa mais poderosa do mundo (depois da máfia russa e das triades chinesas) (CastilloGarcía, 2020).

A Nova Geração cresceu sob a liderança de Nemesio “El Mencho” Oseguera Cervantes, deportado dos Estados Unidos após uma sentença de cinco anos de prisão. Ao chegar ao México, Oseguera serviu na polícia estadual de Jalisco antes de se juntar ao Cartel do Milênio. Sob seu comando, o cartel se expandiu com incrível velocidade e agilidade, incorporando membros de outros cartéis fragmentados (em grande parte devido à estratégia do governo para eliminar os líderes), bem como ‘ex-condenados’ deportados dos Estados Unidos, e membros de gangues e outros grupos de jovens em territórios tomados pelo cartel (Flores, 2016).

*“Um dia, em 2008, o cartel ‘L-V’ chegou e eles me acolheram. Eles me fizeram trabalhar para eles, me dando sacos de dez centavos com etiquetas e crack em cápsulas... Esses eram os dias em que eu tinha acabado de me mudar com minha namorada, eu tinha 19 anos, e eu mal fazia o suficiente para alugar um quarto no bairro e colocar comida na mesa. Decidi não vender sacos de dez centavos e disse aos chefes que queria colar com os cachorros grandes.”*  
(Fernando, RM2, p.20)

O rápido crescimento do CJNG e de outros cartéis está diretamente relacionado com a corrupção do governo mexicano. Como explica marcial (2015, p. 21) “Mais inteligentes que o Estado mexicano, os criminosos se tornaram mais fortes e violentos, além de serem capazes de se infiltrar em partidos políticos e governos locais, provinciais e federais”. Os danos até agora são inúmeros, com uma contagem de vidas perdidas que supera muitas guerras civis. Mais de 250.000 mortes e 40.000 desaparecimentos foram registrados durante as presidências de Calderón e Peña Nieto. Para encontrar uma solução, foram registrados mais 53.628 homicídios nos primeiros 18 meses da atual gestão do presidente Andrés Manuel López Obrador (Ángel, 2020).

A continuação das chamadas “ narco-execuções” e a aceitação do poder que os grupos do crime organizado exercem (ou em conjunto com) o Estado deixam pouca esperança para o governo mexicano. Enquanto os EUA buscam fortalecer a segurança de sua fronteira sul, a violência ligada aos mercados locais de tráfico de drogas aumenta. As batalhas territoriais do cartel para controlar “um crescente mercado interno de drogas, extorsão, roubos e sequestros parecem ter criado uma “indústria do crime” que recruta jovens com pouca esperança de mobilidade social” (Bergman, 2012, p.73).

*“Eu tinha apenas 16 anos e uma pessoa mais velha do que eu queria me intimidar me batendo, ao que eu respondi e joguei ele no chão. Mas depois de um segundo, senti um imenso frio correndo pelo meu corpo quando vi que ele estava apontando uma arma para mim. Fiquei paralisado, mas não mudei de posição, meu rosto não mostrou medo, só coragem... Ouvi alguém gritar: “Deixe o garoto em paz, seu desgraçado, aquele garotinho tem mais bolas que você”... um homem de pele clara, de olhos verdes, robusto se aproximou de mim e deu uma tapinha nas minhas costas dizendo “está tudo bem”. Ele me ofereceu uma cerveja e perguntou de onde eu era... ele me ofereceu dinheiro, me disse que tinha um bom sentimento sobre mim e me ofereceu um emprego sem me dar muitos detalhes, embora com o pouco que ele disse que eu poderia imaginar o que aquilo implicava.”*  
(Alberto, RM3, p.21)

A expansão do CJNG em todo o país, juntamente com as constantes batalhas entre mais de 200 grupos para controlar aos territórios urbanos e rurais, refletem a expansão maciça do mercado nacional de drogas que representa uma fonte de renda cada vez mais significativa para os cartéis (Nieto, 2018). De acordo com a Pesquisa Nacional de Consumo de Drogas, Álcool e Tabaco (ENCODAT) 2016-2017, o uso de drogas no México aumentou 47% desde a aplicação da pesquisa cinco anos antes. Em relação ao consumo de adolescentes entre 12 e 17 anos, os dados mostram um aumento de 125% no mesmo período. Esse aumento acompanha o crescente poder dos cartéis que controlam bairros urbanos e cidades ao redor do país. O estabelecimento de uma ‘narcotienda’ (farmácia) em sua casa é uma prática empreendedora que é cada vez mais comum para cobrir as despesas das famílias em um país onde o emprego formal atinge apenas aproximadamente 40% da população.

De acordo com dados do mesmo levantamento, Jalisco ocupa o primeiro lugar nacional no consumo de drogas ilícitas. O aumento do uso de drogas no estado deve-se à fácil entrada de pseudoefedrina da China através dos portos do Pacífico para produzir metanfetaminas, o grande número de laboratórios de drogas sintéticas na região e, ao baixo preço e fácil acesso ao cristal de metanfetamina (López, 2017).

*“O país está neste momento esperançoso em relação às pessoas desaparecidas. As pessoas estão procurando por seus entes queridos com paixão, esperança, fervor e determinação alimentadas pelo coração, guiadas pelo cérebro e pelo fígado e atados pela falta de resultados. E aqueles que estão desaparecidos devido a uma adição, chegam ao hospital, ou a cadeia? Ou aqueles que não conseguem satisfazer seu apetite e, conseqüentemente, vagam pela rua com um olhar perdido ou uma overdose, basta enviá-los para o descanso eterno? Por que ninguém os procura com tanto zelo inesgotável? Esse assunto não termina quando um morre, porque outro membro da família provavelmente será engolido pela adição.”*  
(Jorge, RM3, p.16)

Atos de violência contra pessoas com vícios e membros mais jovens de grupos do crime organizado que ocupam as fileiras mais baixas tendem a ser universais. Um estudo sobre violência urbana no norte da Filadélfia, Karandinos, Hart, Montero e Bourgois (2015) refere-se ao conceito de violência simbólica de Bourdieu, explicando como aqueles que controlam “os territórios” exploram vendedores ambulantes de baixo nível, que assumem os riscos de violência para defender os interesses do grupo por razões de autorrespeito. Em outras palavras, a ligação com o poder do crime organizado, como parte de sua identidade, justifica a violência que sofrem.

A instalação de grupos do crime organizado nas comunidades tem se tornado cada vez mais comum em todo o México. Esses grupos impõem seus próprios sistemas de justiça e políticas sociais nos territórios que controlam, promovendo uma legalidade paralela com seus próprios recursos, códigos, normas e rituais” (García Canclini, 2010, p. 435). A preferência de tantos jovens “excluídos dos sistemas educacional e trabalhista, da informação e do entretenimento jurídico” para a “nova ordem” da “legalidade paralela” revela como as instituições e normas do Estado mexicano “estão perdendo sentido, uma vez que não são capazes de oferecer o que a sociedade precisa” (García Canclini, 2010, p. 435)

*“Infelizmente, há sempre algo para comprar e, portanto, não há limite de quanto dinheiro ganhar... as chances de cair em tentação crescem ao analisar os ganhos de um trabalho com ‘previdência social’ para um trabalho com a possibilidade de obter vastos recursos, de forma rápida e fácil.”*  
(Jorge, RM3, p.12)

## A ‘narcocracia’ do México

Em vez de ver o crime organizado como um sistema paralelo de poder, Luke Dowdney (2003, p. 71) o apresenta como uma “presença simultânea” que explora as fraquezas do Estado. Os cartéis oferecem serviços e oportunidades que o governo, por omissão ou corrupção, não fornece mais. Em outras palavras, a “narcocracia” está substituindo a democracia no México, devido às falhas e deficiências do Estado.

Com tanta corrupção, o respeito pela lei é limitado no México. Por conseguinte, as distinções entre formal e informal, bem como legal e ilegal, devem ser reconsideradas, reconhecendo a fusão dessas dicotomias quando o mesmo político cujas campanhas foram financiadas por um cartel lidera a guerra às drogas. Como explica José Manuel Valenzuela (2012), a ‘legalidade paralela’ se intensifica com a colaboração entre membros do cartel e policiais designados para controlar os mesmos espaços territoriais

*“Eles me fizeram puxar as pessoas [para o cartel] com a ajuda dos chefes de polícia da área... tivemos que nos livrar de sua mercadoria e tê-los trabalhando para o cartel; se eles não quisessem participar, eles iriam para a prisão com mercadorias que plantamos sobre eles.  
(Fernando, RM2, p.21)*

Além da corrupção, outras deficiências estruturais contribuíram para a extrema ineficiência do sistema de justiça criminal mexicano. Infelizmente, a mais recente Reforma Constitucional da Justiça fez pouco progresso nos últimos 12 anos. Em todo o país em 2019, 89,6% dos homicídios ficaram impunes (Impunidade, 2020). No estado de Jalisco, considerando todos os crimes de jurisdição comum cometidos, apenas um de cada 250 é sancionado criminalmente (Zepeda y Jiménez, 2017). O México continua sendo um dos países com maiores índices de impunidade do mundo, superado apenas pelas Filipinas, Índia e Camarões. Em 2020, 99,3% dos crimes cometidos no México ficaram impunes (UDLAP, 2020).

Em grande parte, a impunidade se deve a falhas na investigação de crimes relatados, mas o mais relevante é o fato de que 94,8% dos crimes nem sequer são denunciados à polícia, revelando uma falta de confiança geral no sistema de justiça mexicano (Zepeda y Jiménez, 2017).

Desde 2008, os EUA têm investido bilhões de dólares através da Iniciativa Merida para combater o fluxo de drogas de sua fronteira sul. No entanto, a corrupção de tantos políticos mexicanos, que respondem aos interesses dos cartéis com maiores incentivos econômicos diretos e ameaças, limitou muito o impacto do programa. Embora as políticas e operações que complicam a entrada de drogas nos EUA tenham tido algum sucesso, pouco foi feito para impedir a entrada de armas no México. Nas palavras de Alejandro Madrazo, “Se os postos de controle que hoje procuram drogas nas estradas que vão de sul a norte estivessem procurando armas que fluíssem de norte a sul, outro galo estaria cantando” (Madrazo, et al., 2018, p. 178).

## A propagação da violência através da narcocultura

Basta ligar a Netflix para notar a crescente popularidade da “narcocultura”. A grande maioria das séries e filmes produzidos neste novo gênero são baseados no México e estão cheios de violência. Além disso, uma ampla gama de literatura, de biografias a best-sellers fictícios, videogames, quadrinhos e uma indústria musical multimilionária de ‘narcocorridos’ glorificam a narcocultura. Como apontam Becerra e Hernández (2019), sua popularidade reside no fato de representarem pessoas que, apesar de virem de um contexto de pobreza e injustiça social, se tornam ricas e poderosas ao ousar se envolverem com o tráfico de drogas. No entanto, acima de tudo, as pessoas são fascinadas pelo seu sucesso no que García Canclini chama de “nova ordem”, revelando a corrupção e a ineficiência do Estado.

*“Ele ficava me dizendo, “veja como eu vivo, se você trabalhar comigo nós faremos ainda melhor.” Tudo parecia ser real, tudo era uma festa, eu não o via fazendo nada difícil. Por dois anos ele insistiu e minha recusa foi firme, mas sem um emprego minha visão foi distorcida e eu comecei a rolar com ele. Uma parte de mim queria participar, eu estava tentado pela aventura, pela emoção, pela adrenalina e pelo dinheiro... é fácil desviar-se do caminho quando há possibilidades de acelerar um processo, tendo um sonho no meio. Você pode perder seu sonho no caminho e você também pode perder o seu caminho desejando um sonho.  
(Jorge, RM2, p.25)*

Enquanto os narcocorridos datam da década de 1940, outras indústrias do entretenimento começaram a entrar a bordo na década de 1970. Atualmente, a narcocultura mistura elementos da cultura popular mexicana com os do hiperconsumismo capitalista, que tendem a exaltar a opulência, transgressão, impunidade e poder (Becerra e Hernández, 2019, p.261).

A ligação direta entre a narcocultura e o capitalismo é fundamental para compreender o fascínio desse estilo de vida, especialmente pela juventude empobrecida. O México é um dos países com a distribuição mais injusta de riqueza do mundo. Aproximadamente 40% da população vive abaixo da linha de pobreza e 10% da população controla 42,2% de toda a renda. Isso explica como os recursos relacionados à narcocultura são tão atrativos para jovens empobrecidos em busca de reconhecimento, aceitação e inclusão social.

*“Com o passar do tempo, me vi trabalhando com eles, desfrutando de muitos luxos, dinheiro, mulheres, carros e drogas, caprichos para realizar todos os meus desejos.”*  
(Alberto, RM3, p.21)

Pedro descreveu sua “casa” enquanto trabalhava com os Mata-Zetas no sudeste do México:

*“A casa onde eu morava era um dos benefícios do trabalho. Tinha uma piscina. 10 metros de comprimento e 5 metros de largura, com uma jacuzzi embutida. O quarto onde ele dormia era o quinto no final do corredor do segundo andar, com ar central, com vista para o jardim que tinha várias árvores ficus aparadas como figuras de pomba, arbustos de rosas de várias cores e oito palmeiras anãs que forravam o caminho até a entrada. A parede estava coberta com flores de jasmim, do tipo que te intoxica com seu cheiro fresco quando chove. A garagem cabe dois caminhões Lobo, um Trail Blazer, um Cheyenne e uma Avalanche...”*  
(Pedro, RM2, p.30)

No entanto, ele diz que se pudesse voltar no tempo ele nunca teria se envolvido. “Eu daria qualquer coisa para poder andar pelo calçadão de Veracruz com minha família sem ter que cuidar das minhas costas”, confessou em uma de nossas últimas conversas. Além do medo constante de perder a vida de algum de seus entes, o poder do crime organizado vem com o preço de ser estigmatizado por grande parte da sociedade.

## Estigma

O estigma social aumenta a probabilidade de um indivíduo agir de uma certa maneira (Goffman, 1963). Em outras palavras, rotular alguém como um “delinquente” aumenta a probabilidade de que ele ou ela cometa um crime. Quando os homens encarcerados são rotulados como ‘narcos’ ou ‘sicários’, é mais provável que eles assumam os rótulos como partes permanentes de sua identidade, em vez de lutar para superar o estigma e ‘reintegrar-se’ na sociedade.

*“[Quase imediatamente após chegar à prisão] comecei a sentir os olhares que me diziam que eu não era mais o mesmo de quando estava livre. Comecei a sentir que estava em outro mundo...”*  
(Richard, RM3, p.41)

Após vários debates sobre o propósito e a realidade do sistema prisional no seminário Rompemuros que eu coordeno com estudantes universitários e homens que estão encarcerados na Metro, agora geralmente usamos o termo ‘reintegração’ para nos referirmos à relação entre aqueles que estão ou foram encarcerados e a sociedade, considerando todos os envolvidos no processo como sujeitos ativos. Vários participantes têm argumentado que a visão liberal bem-intencionada que rotula as pessoas encarceradas como “vítimas excluídas” da sociedade ignora a decisão consciente de muitos de se juntarem aos cartéis e prejudicarem outros. No entanto, as limitadas oportunidades educacionais e de emprego para mexicanos de classe baixa, reforçadas por estigmas e práticas discriminatórias, não devem ser esquecidas.

*“... E foi assim que minha vida aqui começou capturando a cena dos horrores da prisão, onde você deve se preparar para buscar a vitória e seguir em frente, não se deixando vencer pela cor laranja [do uniforme] que lhe dá uma identidade perante a sociedade.”*  
(Fernando, RM3, p.20)

## Confrontando estigmas através da educação

Nos últimos 25 anos, mais de 38.000 estudantes de sete países diferentes participaram do Programa de Intercâmbio Prisional. Através deste Programa, cursos de faculdades são ministrados em prisões com grupos combinados de encarcerados e de estudantes com base no campus. Por meio da diversidade do corpo discente e de uma pedagogia baseada no diálogo, o programa busca promover o pensamento crítico e reduzir as barreiras da exclusão social.

Até hoje, o sistema penitenciário de Jalisco é o primeiro e único na América Latina a oferecer o Programa de Intercâmbio. Comecei a implementar o programa em Jalisco em 2016. Desde então, outros professores de diferentes universidades foram certificados como instrutores de Intercâmbio e aderiram ao movimento. No final de 2017, alunos de um curso que ensinei na Metro apresentaram uma proposta para continuar com o programa, criando uma revista literária. Tanto a revista quanto o seminário permanente tornaram-se conhecidos como Rompemuros.

Um dos principais objetivos de Rompemuros é “humanizar”, e assim “destigmatizar” os autores compartilhando suas narrativas pessoais e outras escritas reflexivas. Isso, por sua vez, visa reduzir estereótipos e a discriminação da população geral de pessoas com antecedentes criminais.

*“Cientes de que atualmente as posições no diálogo [entre aqueles que estão encarcerados e aqueles que não estão] são desiguais e meramente exponenciais, consideramos que cada texto ajude a quebrar as paredes, não as materiais, mas as paredes que nos impedem de nos ver como parte da mesma sociedade.”*  
(Lucy, Jesús & Richard, RM1, p.17)

O desenvolvimento de narrativas autobiográficas no curso é elogiado por outras atividades de classe que promovem reflexão crítica e mudanças na percepção de processos dos estudantes. Os participantes também relataram mudanças na forma como se enxergam e em seus projetos de vida, graças ao programa. Por meio da escrita e do diálogo, ampliam sua compreensão de problemas pessoais e sociais e muitas vezes reconhecem como isso os levou a considerar novas possibilidades em suas vidas.

*“Socializar com pessoas diferentes tem sido uma terapia psicológica que me convida a escrever, me fortalece, me deixa otimista, me dá ferramentas para criar meu escudo emocional contra o ressentimento social e os rótulos imaginários que existem em minha mente, devido à injustiça, abuso e abandono [que já experimentei], onde a corrupção pode ser cheirada e a ilegalidade fede.”*  
(Fernando, RM4, p.36)

*“Fazer parte deste projeto me dá grande satisfação e... permitiu que eu me reconectasse com pessoas fora da prisão. O mais importante é continuar aprendendo. Isso me faz sentir mais seguro porque eu posso dizer a mim mesmo que eu quero continuar seguindo em frente no meu desenvolvimento pessoal e não ficar estagnado como as outras pessoas, mesmo que eu viva preso, pagando por um erro que cometi há mais de 15 anos.”*  
(Luis, RM4, p.28)

O projeto também visa estimular transformações sociais, abordando estereótipos de pessoas na prisão através de diversos canais. Como Fernando explicou na apresentação do segundo volume da revista,

*“Nos três anos desde que o programa de Intercâmbio começou na Metro, inúmeros alunos e graduados passaram por suas salas de aula, pessoas da vida política e camaradas do mundo da literatura, que com suas crônicas e narrativas enriqueceram nossa escrita... E com eles, nossas palavras e pensamentos cruzaram as paredes, eles foram libertados. Essas mulheres, homens e jovens os levaram embora. Eles foram publicados na revista Rompemuros e em seu site... O sucesso deste projeto baseia-se nos encontros que foram facilitados, presencialmente e através de publicações, onde nossas ideias e palavras são ouvidas por outros.”*  
(Fernando, 2019)

Como pode ser visto com as citações de Rompemuros neste artigo, os textos permitem que os leitores vejam os autores como seres humanos complexos, em vez de limitar suas percepções desses homens ao crime pelo qual foram acusados. Isso, por sua vez, pode reduzir a tendência de rotular outros antes de conhecê-los.

## Aprendizado transformador atrás das grades

Além de compartilhar suas histórias, que nos ajudam a entender os problemas sociais subjacentes que têm possibilitado o crescimento exponencial do crime organizado no México, outros textos em Rompemuros revelam a conscientização promovida pelo programa. Os sinais iniciais dessas transformações podem ser notados com novas ideias sobre os efeitos da violência estrutural e da corrupção na sociedade. Como explica Jon Mezirow, a aprendizagem transformadora

refere-se ao raciocínio metacognitivo que “ênfatiza a percepção sobre a fonte, estrutura e história de um quadro de referência, bem como julgar sua relevância, adequação e consequências”(2003, p.61). Isso é exemplificado no trecho a seguir de um dos textos de Pedro:

*“Somos testemunhas de como alguns que estão em posições de poder não aprendem com o passado, eles repetem a triste e patética história dos outros e tropeçam nas mesmas pedras. E o que é pior, eles sem desculpas decepcionam milhões que acreditavam neles e que merecem viver em um país melhor. Como cidadãos, temos que participar mais ativamente das leis propostas, pois elas podem servir para alcançar o bem-estar comum que queremos.”*  
(Pedro, RM1, p.9)

Muitas outras pessoas têm manifestado como elas se enxergam agora: “agentes de mudança”, empoderados com conhecimento que pode ser usado para motivar transformações positivas na sociedade.

*“O passar dos anos e as aulas me ajudaram a ser outra pessoa. Meus pensamentos e meus conselhos agora são muito diferentes, acredito e sinto que agora sou útil fora da prisão.”*  
(Richard, RM3, p.43)

Assim, podemos ver uma mudança de consciência que não só reflete uma transformação pessoal, mas também um compromisso de abordar alguns dos problemas sociais que examinamos no seminário. Como explicam McWhinney e Marcos (2003, p.32), “o valor da transformação [está] no desenvolvimento de uma população mais consciente e envolvida de adultos”. Ser parte de um movimento coletivo dedicado a abordar um problema social que afeta a todos nós, também foi reconhecido várias vezes em Rompemuros como parte significativa dessa transformação.

*“Aqueles de nós que estão aqui neste incrível projeto de Intercâmbio, têm um grande compromisso onde sonhamos que o povo precisa de unidade, e todos podem fazer sua parte, ajudando a mudar o sistema, para que no futuro possamos talvez ter leituras onde a demanda social por justiça não seja sentida.”*  
(Fernando, RM4, p.37)

A ideia de ‘agência’ pessoal que foi enfatizada na decisão coletiva de usar o termo ‘reintegração’ ao se referir à relação entre aqueles com antecedentes criminais e a sociedade como um todo também está presente nessas reflexões. Da mesma forma que as pessoas na prisão não devem ser estigmatizadas com rótulos negativos, a participação desses homens em Rompemuros de forma alguma garante que seus laços com o crime organizado foram cortados ou que eles não cometerão outro crime.

*“Muitas coisas podem ser ditas sobre a prisão, algumas de nós mudam para melhor, outras para pior, a diferença está em como cada um quer passar o tempo e se vale a pena permanecer no mesmo caminho.”*  
(Marcos, RM3, p.32)

Seja qual for o caso, todos os participantes expressam remorso pela dor e agonia vivenciadas por suas famílias devido à sua prisão. Muitos deles afirmam que essa dor supera a tortura física e psicológica que experimentaram.

*“Minha infância passa pela minha cabeça e embora eu possa não ter notado isso na época, sinto que estava feliz, com pais amorosos que introduziram valores em mim e, graças a Deus, eles ainda estão comigo. Não sei quando me perdi. Eu subi de um pequeno erro para este que me custou muito e arrastei toda a minha família pelo caminho, sem perceber.”*  
(Eduardo, RM3)

*“Para mim estar atrás das grades não é uma punição, a punição é ver minha família sofrer, ver o que perdemos por estarmos aqui, percebendo que tínhamos tantas coisas boas na vida que tomamos como certa. Nunca nos preocupávamos com as coisas que são realmente importantes. Muitas vezes me lembro da voz do meu filho me dizendo o quanto ele me amava. Ele e a mãe eram tudo para mim. É claro que não posso apagar o passado ou as cicatrizes que ele deixou em mim, e embora seja muito doloroso eu só posso aprender com isso, mudar as coisas que não são boas e seguir em frente.”*  
(Alberto, RM3, p.25)

## Reflexões Finais

Uma das atividades que uso para promover o pensamento crítico nos cursos de Intercâmbio, começa apresentando uma citação de Lori Pompa, diretora fundadora do programa: “O crime é um problema, mas também é um sintoma de um problema social muito mais profundo, uma disfunção social em que cada um de nós, por comissão ou omissão, desempenha um papel”. No caso do México, essa “disfunção social” evoluiu para violência endêmica, esperada e aceita não só de membros do cartel, mas também de policiais e outros agentes do serviço público, vigilantes e qualquer cidadão disposto a intervir e preencher o vazio deixado pelo sistema falido incapaz de responder à escalada dos índices de criminalidade. A tendência crescente de usar a impunidade como justificativa da violência foi notada pelo observatório dos cidadãos Jalisco Cómo Vamos (2018) em uma pesquisa aplicada em toda a região metropolitana de Guadalajara, na qual 28,4% da população afirmou que “fariam justiça pelas próprias mãos” se um crime fosse cometido contra eles.

No jornal de hoje (8 de janeiro de 2021), uma manchete diz “Não há interesse em se mover contra a tortura em Jalisco” (Osório, 2021). O artigo explica como a legislação aprovada em 2017 exige que o Estado estabeleça um Ministério Público autônomo para atender acusações de tortura. Não só este escritório ainda não existe, como o item foi apagado do orçamento do Estado. No entanto, todos os autores de Rompemuros foram torturados pela polícia quando foram presos, interrogados e/ou processados na prisão.

*“Toda a primeira noite passamos por perguntas, e as únicas pausas foram as mudanças de turno. Policiais chegaram com sua força renovada, ou talvez minha energia diminuída os percebeu dessa forma. As instalações da “14ª” [delegacia] têm a capacidade de produzir memórias obscuras, desagradáveis que tendem a retornar.”*  
(Jorge, RM2)

*“No terceiro dia [depois que me prenderam], cheguei a um lugar chamado ‘Arraigo’ (enraizamento), que nada mais era do que uma casinha onde cerca de 50 pessoas moravam... Passei 28 dias naquele lugar, entre interrogatórios, rosários e música nos fins de semana, já que em frente é um lugar chamado ‘La Penca’ (a penca) onde eles faziam festas todas as sextas-feiras. Era um terror constante porque todos os dias diferentes agentes chegavam para ‘interrogatórios’ e todos queríamos nos esconder um atrás do outro em uma sala de 3m<sup>2</sup>.”*  
(Eduardo, RM3)

*“892 tira suas roupas, seu corpo tremem debaixo da cueca, as vozes o atordoam, sua cueca cai no chão, sua pele eriçada do frio. Ele obedece. 892 vai para as etapas que foram chamadas de Rampa. 892 nunca esteve tão vulnerável como hoje. Ele toca as pontas dos dedos do pé. Hoje ele descobre quem está no comando.”*  
(Marcos, RM3)

O sonho de unidade revelando a transformação de Fernando por meio de sua participação no projeto, e a esperança de muitos de mais uma vez viverem em uma sociedade pacífica, parece cada vez mais distante da realidade quando reconhecemos como o sistema se baseia em responder à violência com mais violência. Além da violência direta infligida a esses homens a partir do momento em que são levados sob custódia da polícia, eles continuam a ser vítimas de violência estrutural. As violações dos direitos humanos são a norma nas prisões mexicanas (CNDH, 2019). Uma vez libertados, eles são bloqueados de inúmeras oportunidades educacionais e de emprego por causa de seus registros criminais.

Apesar de todos os danos infligidos e por diferentes membros da sociedade, falar de violência “normalizada” só piora as coisas. Assim como o vírus Covid-19, a violência é um dos problemas mais graves que o México enfrenta hoje. Ambos os vírus requerem um esforço coletivo consciente se esperamos superar a crise atual. Como todos os grupos que conheço para refletir sobre a citação de Lori chegaram a concluir, todos nós podemos, e devemos, fazer algo para fazer a diferença. Para conhecer os autores de Rompemuros, todos os quais foram rotulados como “criminosos perigosos”, lendo suas narrativas provavelmente nos levará a perceber que temos muito mais em comum com esses homens do que poderíamos imaginar. Além disso, muitos leitores passarão a reconhecer estereótipos e estigmas escondidos em seu subconsciente.

As histórias de vida desses homens me levaram a ver como suas decisões, e a cultura do crime organizado em geral, são baseadas nos mesmos valores do capitalismo neoliberal que dominam o resto do mundo ocidental. Feltran (2019) apresenta uma etnografia incrível que exemplifica como as contribuições de ‘dinheiro sujo’ são essenciais para o sucesso dos negócios transnacionais. No entanto, a relação simbiótica é ignorada por aqueles que buscam o sucesso econômico dentro do campo da “legalidade”. Seguindo o mesmo sonho, os pobres acabam na prisão enquanto os ricos ganham fama e fortuna.

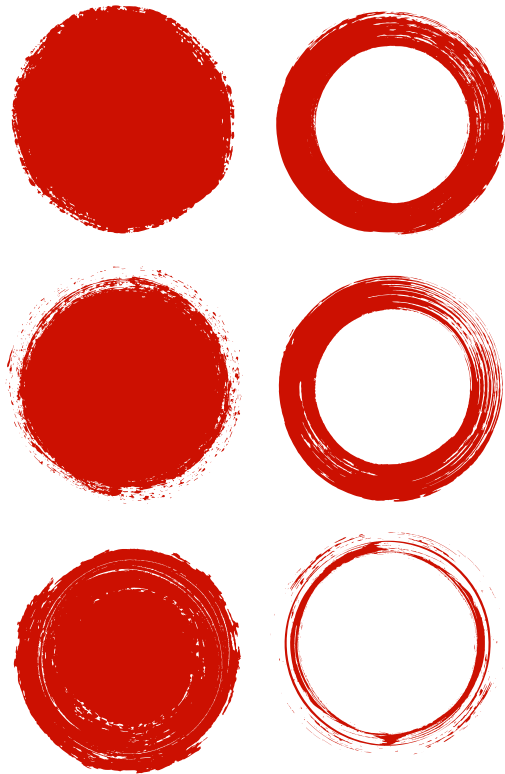
Ao contrário do seu propósito de criar uma sociedade mais segura e pacífica, o sistema de justiça criminal no México, como em muitos países latino-americanos, desempenha um papel fundamental na perpetuação da violência. No entanto, Rompemuros e outros programas de educação prisional têm sido capazes esculpir rachaduras nas paredes da prisão, através das quais um raio de luz é capaz de germinar as sementes de aprendizagem, cura e consciência, nutridas por conexões intrapessoais mais fortes do que barreiras prisionais e estigmas sociais. São essas relações que promovem uma apreciação coletiva da vida humana e podem parar a disseminação do ressentimento e do medo sobre os quais a violência endêmica do México prospera.

## Bibliografia

- Ángel, A. (2020, 22 de junio). 18 meses con AMLO: han asesinado a más de 5.800 mujeres y 1.800 menores. *Animal Político*. <https://www.animalpolitico.com/2020/06/18-meses-amlo-muertos-asesinados-mujeres-menores/>
- Azaola, E. (2012). La violencia de hoy, las violencias de siempre. *Desacatos*, 40, 13-32.
- Becerra, A. y Hernández, D. (2019). Fascinación por el poder: consumo y apropiación de la narcocultura por jóvenes en contextos de narcotráfico. *Interstício Sociales* 9(17), 259-286.
- Bergman, M. (2012). La violencia en México: algunas aproximaciones académicas. *Desacatos*, 40, 65-76.

- Castillo García, G. (2020, 04 de outubro). El cártel Jalisco ya es el tercero más peligroso del mundo: DEA. *La Jornada*. <https://www.jornada.com.mx/ultimas/politica/2020/10/04/el-cartel-jalisco-ya-es-el-tercero-mas-peligroso-del-mundo-dea-6113.html>
- Comisión Nacional de Derechos Humanos (CNDH). (2019). Diagnóstico Nacional de Supervisión Penitenciaria (DNSP). [https://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/sistemas/DNSP/DNSP\\_2019.pdf](https://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/sistemas/DNSP/DNSP_2019.pdf)
- Dowdney, L. (2003). *Children of the drug trade: A case study of children in organised armed violence in Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Feltran, G. (2019). (Il)licit Economies in Brazil: An Ethnographic Perspective. *Journal of Illicit Economies and Development*, 1(2), 145-154. doi: 10.31389/jied.28.
- Flores Pérez, C. (2016). *Cártel Jalisco Nueva Generación: elementos a considerar sobre la reconfiguración de las organizaciones del tráfico de drogas en México*. R. Benítez Manaut & Aguayo Quezada, S. *Atlas de la Seguridad y la Defensa de México*. México: Instituto Belisario Domínguez del Senado de la República. <http://bibliodigitalibd.senado.gob.mx/handle/123456789/3418>.
- García Canclini, N. (2010). Epílogo. *La sociedad mexicana vista desde los jóvenes*. En Reguillo, R. (coord.) *Los Jóvenes en México* (pp. 430-443). México: Fondo Cultural Económico.

- Goffman, E. (1963).  
Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity. Simon & Schuster.
- Impunidad Cero. (2020, noviembre).  
Impunidad en homicidios dolosos y feminicidios: Reporte 2020. <https://www.impunidadcero.org/articulo.php?id=142&t=impunidad-en-homicidio-doloso-y-feminicidio-reporte-2020>
- Jalisco Cómo Vamos (JCV). (2018a).  
Encuesta de percepción ciudadana ¿Cómo nos vemos los tapatíos? <http://www.jaliscocomovamos.org/encuesta2018>.
- Karandinos, G., Hart, L.K., Montero Castrillo, F. y Bourgois, F. (2015).  
The Moral Economy of Violence in the US Inner City in J. Auyero, F. Bourgois y N. Scheper-Hughes (eds.). *Violence at the Urban Margins*. New York: Oxford University Press. 41-72.
- Linares, A. (2018, 5 de febrero).  
Cada año, 213.000 armas llegan ilegalmente a México desde Estados Unidos, según informe. New York Times. <https://www.nytimes.com/es/2018/02/05/cada-ano-213-000-armas-llegan-ilegalmente-a-mexico-desde-estados-unidos-segun-un-informe/>.
- López Villalobos, I. (2017, 18 de octubre).  
Crece el consumo de drogas en Jalisco. *El Occidental*. <https://www.eloccidental.com.mx/local/crece-el-consumo-de-drogas-en-jalisco>.
- Madrazo, A., Monárrez, J.E., Camus, M. & Maldonado, S. (2018).  
Discrepancias en torno a la Ley de Seguridad Interior. *Encartes Antropológicos*, 1(1), 169-181. <https://www.encartesantropologicos.mx/la-ley-de-seguridad/>.
- Marcial, R. (2015).  
“Fue el Estado”: El caso de los jóvenes desaparecidos de Ayotzinapa y la crisis política en México. *DESIDADES-Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude*, (6). <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2614>.
- McWhinney, W. y Marcos, L. (2003, Jan).  
Transformative Education. Across the Threshold. *Journal of Transformative Education* 1 (1). Pp. 16-37.
- Mezirow, J. (2003, Jan).  
Transformative Learning as Discourse. *Journal of Transformative Education* 1 (1). Pp. 58-63.
- Nieto, N. (2018).  
The development of narco-trafficking and corruption in Mexico. *Anuario Latinoamericano Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales*, 6, 213-234.
- O'Neill, K.L. & Fogarty-Valenzuela, B. (2015).  
On the Importance of Having a Positive Attitude. En Auyero, J., Bourgois, P. & Scheper-Hughes, N. (Eds.), *Violence at the Urban Margins* (pp. 73-92), New York: Oxford University Press.
- Osorio, E. (2021, 08 de enero).  
No interesa ir contra tortura en Jalisco. Mural. <https://www.mural.com.mx/no-interesa-ir-contratortura-en-jalisco/ar2101998?referer=-7d616165662f3a3a6262623b727a7a7279703b767a783a-->
- Strickland, D. (2019)  
Jóvenes, violencia y miedo. La (in)seguridad del Cerro del Cuatro. *El Colegio de Jalisco*.
- UDLAP. (2020).  
Índice Global de Impunidad 2020. <https://www.udlap.mx/cesij/files/indices-globales/0-IGI-2020-UDLAP.pdf>
- Zepeda, G. y Jiménez, P. (2017).  
Buenas prácticas para que Jalisco desarrolle el potencial del nuevo sistema de justicia penal, en M.P. Moloeznik y A. Rodríguez Sumano (coords.) *Seguridad y Justicia en Jalisco*. Guadalajara, UdeG/Coecytjal. 370-395.



## Reflections on endemic violence from a high security prison in Jalisco, Mexico

**Danielle Strickland**

Full-time professor / researcher  
Department of Psychology, Education and Health  
ITESO, Jesuit University of Guadalajara, México

Coordinator of the Inside-Out Prison Exchange  
Program in México

[danielle@iteso.mx](mailto:danielle@iteso.mx)

## Summary

This text addresses the history of organized crime in Mexico and how it has contributed to a growing culture of violence that primarily engulfs impoverished youth. The analysis is based on testimonies and autobiographical narratives of men imprisoned in the Metropolitan Prison of the State of Jalisco for high-impact crimes related to cartel operations. The following pages explore how structural and direct violence led them to become involved organized crime, the social stigmas they face, and how the transformative education project that has brought us together has impacted their identities and the ways they respond to being stigmatized.

---

Key words: Violence, organized crime, cartels, Mexican prison system, transformative learning, stigma, conscientization, critical reflection, social exclusion

References to social distancing practices to prevent the spread of covid-19 as 'the new normal' is the second time I have noted the misuse of this term in Mexico. The first came about with the War on Drugs initiated by ex-President Felipe Calderon, responsible for hundreds of thousands of murders over the past decade. Since then, we often speak of the 'normalization' of violence in the country. The discovery of clandestine mass graves, marches and protests for tens of thousands of missing persons and shoot-outs with cartel groups are hardly even 'newsworthy' nowadays.

However, the use of the word 'normal' in reference to either of these crises reveals a submissive acceptance of the problems, giving in or giving up. One of the many consequences of this attitude in relation to the tragic levels of violence in Mexico is the stigma of those who have been accused of committing violent crimes. Much like the covid-19 virus, they tend to be seen as a societal plague, unable or unwilling to leave criminality behind, and thus should either be locked up or killed. Rarely are those associated with the cartels seen as individuals worthy of forgiveness, much less as valuable members of society.

To reinforce the severity of this stigma, take a moment to recall the worst thing you have ever done. Now imagine that everyone you interact with sees that action before noticing any other part of you. This is the reality faced by most men incarcerated in the Metropolitan Prison of Jalisco, Mexico (the Metro), all accused of high-impact cartel-related crimes. Even those who have 'done their time' and are able to leave prison are required to present a police report with applications for schools or employment. The idea of leaving the crime in the past and being able to successfully reintegrate into society seems virtually impossible.

Having had the opportunity to teach college courses in the Metro since 2017 has led me to better comprehend the severity of this problem, not only for those who are stigmatized but for society in general. The erroneous belief that those convicted of crime will inevitably continue to plague society with delinquency contributes to the 'normalization' of violence and complicates efforts to strengthen communities.

Using Erving Goffman's theory, in this paper I will explore how labeling people fortifies endemic violence. I begin with an overview of the history of organized crime in Mexico and specifically the state of Jalisco, home of the Cartel Jalisco Nueva Generación, currently the most powerful criminal organization in the western hemisphere. This will serve as a foundation to examine cultural violence in Mexico, largely responsible for paving the path to prison for many participants in the transformative education project that I coordinate in the Metro, known as Rompemuros (Wall-breaker). Throughout the chapter, testimonies and excerpts from life-stories from the literary journal produced in this project (in italics) will be used to enrich the reflections.

## The history of organized crime in Mexico

The production of marijuana and opium began in Mexico at the end of the 19th century, and trafficking these drugs to the US was first documented in the 1920s. In this same decade, Mexico passed its first laws against illicit substances, initiating the "War on drugs." However, even the first recordings of the Mexican drug trade note the participation of politicians and military leaders (Nieto, 2018). Despite legislative efforts, by the mid-1900s Mexico had established a firm position in America's international drug trade.

The US entered the war with the launch of 'Operation Intercept' in 1969 to combat marijuana production and trafficking in Mexico, yet the first Mexican cartels were founded in the early 1970s. The reduction in the marijuana market for the United States generated an increase in the demand for cocaine produced in Colombia. By 1990, the Andean Region was producing one thousand tons of cocaine a year, most of which was trafficked to the US through various Mexican cartels (O'Neill and Fogarty-Valenzuela, 2015).

Since then, the US government has invested more than a trillion dollars to combat drug trafficking in Mexico. However, organized crime is more powerful than ever. Annually, it is estimated that approximately

213,000 weapons arrive to Mexico from the US and that Mexican cartels generate profits of approximately \$6.6 billion dollars a year solely from the 55 million consumers in the States (Linares, 2018).

Despite the growing demand and diversification of drugs trafficked by Mexican cartels, 'el narco' was a relatively isolated and controlled phenomenon in Mexico until the presidency of Felipe Calderón (2006-2012), when the rates of violence related to the production and sale of illicit substances rose dramatically. The new War on Drugs initiated during his term increased public spending for security to seven times the amount of the previous administration, affecting the budget of other public programs and, therefore, increasing structural violence against the lower classes. "The spending of 197,000 million pesos on public security for 2010 represented practically the same amount —93 percent — as the budget for public education, and exceeded the amount assigned to health and social development" (Azaola, 2012, p.20).

Sucked into the growing narco culture, thousands of children and adolescents began focusing less on school.

*"I attended [elementary school] with a lot of problems, a lot of skipping school and a lot of slaps from my mother's flip-flops, because I hated school... When I was ten years old, I became friends with an older boy from the neighborhood who asked me to run an errand for him going to his cousin's house to pick up a toolbox, to which I said yes. He lent me a bicycle and told me not to open the box on the way. I already knew where that house was, so I arrived quickly and immediately returned with the order to my friend's house. He opened it in front of me and pulled out some bags with a powder like flour. When he opened one of them with a knife, he made two lines and with a straw he put them up his nose. Then he took out ten pesos and gave them to me as payment for the errand. So I continued bringing him the box, collecting my ten pesos and seeing how my friend*

*snorted the lines up his nose, until one day I picked up the box and went straight to my house, opened it, took powder from a bag, made two lines like my friend did and took it in. I liked how I felt and that's where my addiction to 'coke' began, and I started needing more money for my addiction."*  
(Fernando, RM2, p.20)

According to official data presented by the Mexican government, there were approximately 70,000 'narco-executions' and an additional 26,000 'disappeared' persons during Felipe Calderón's term. The strategy of eliminating the 'capos' resulted in the fragmentation of several cartels and the involvement of more young people in organized crime around the country.

*"That night was my initiation into an unconventional line of work. I arrived home astonished, with my adrenaline pumping, the smell of blood and gunpowder was impregnated in my nose and the images burned into my memory."*  
(Pedro, RM2, p. 30)

In addition to the expansion of drug trafficking, the war led to a diversification of illicit activities in cartel operations, including kidnappings, extortion, human trafficking and 'huachicol' (fuel theft). During Calderón's administration, kidnapping increased 83 percent, intentional homicide went up 34 percent, and robbery with violence rose by 31 percent (Azaola, 2012).

In 2007, a branch of the Cartel del Milenio called 'Gente Nueva' (New People) was formed to fight the Zeta Cartel for control of Mexico's eastern coast. Due to their success, in 2008 this group became known as the 'Mata-Zetas' (Zeta Killers). The death of Óscar Nava, leader of the Cartel del Milenio, in August 2009 generated a fragmentation of the group, from which the Cartel Jalisco Nueva Generación (CJNG) emerged, largely made up of 'Mata-Zetas'. The

US Drug Enforcement Administration (DEA) recently ranked the CJNG as the third most powerful criminal organization in the world (after the Russian mafia and the Chinese triads) (Castillo García, 2020).

The Nueva Generación has grown under the leadership of Nemesio "El Mencho" Oseguera Cervantes, deported from the United States after a five-year prison sentence. Upon arriving in Mexico, Oseguera served on the Jalisco state police force before joining the Cartel del Milenio. Under his command, the cartel has expanded with incredible speed and agility, incorporating members of other fragmented cartels (largely due to the government's strategy to eliminate the leaders), as well as 'ex-convicts' deported from the United States, and members of gangs and other groups of young people in territories taken over by the cartel (Flores, 2016).

*"One day in 2008 the cartel 'L-V' arrived and they took me in. They made me work for them, giving me dime bags with labels and crack in capsules... Those were the days when I had just moved in with my girlfriend, I was 19 years old, and I was barely making enough to rent a room in the neighborhood and put food on the table. I decided to get out of selling dime bags and told the bosses that I wanted to roll with the big dogs."*  
(Fernando, RM2, p.20)

The rapid growth of the CJNG and other cartels is directly related to the corruption of the Mexican government. As Marcial (2015, p. 21) explains, "More intelligent than the Mexican State, criminals became stronger and more violent, in addition to being able to infiltrate political parties and local, provincial and federal governments." The damages to date are innumerable, with a count of lives lost that surpasses many civil wars. More than 250,000 murders and 40,000 disappearances were registered during the presidencies of Calderón and Peña Nieto. Far from finding a solution, an additional 53,628 homicides were registered

during the first 18 months of the current administration of president Andrés Manuel López Obrador (Ángel, 2020).

The continuation of so-called ‘narco-executions’ and the acceptance of the power that organized crime groups exercise over (or in conjunction with) the State leave little hope for the Mexican government. While the US seeks to strengthen security of its southern border, violence linked to local drug trafficking markets increases. Territorial cartel battles to control “a growing internal market for drugs, extortion, robberies and kidnappings seems to have created a ‘crime industry’ that recruits young people with little hope of social mobility” (Bergman, 2012, p.73).

*“I was only 16 years old and a person older than me wanted to intimidate me by hitting me, to which I responded and threw him to the ground. But after a second, I felt an immense chill run through my body when I saw that he was pointing a gun at me. I was paralyzed, but I did not change my position, my face did not show fear, only courage...I heard someone yell: “Leave the kid alone, you bastard, that little boy has more balls than you”...a light-skinned, green-eyed, robust man approached me and patted my back saying “everything’s fine.” He offered me a beer and asked where I was from...he offered me money, told me that he had a good feeling about me and offered me a job without giving me many details, although with the little he said I could imagine what it entailed.”*  
(Alberto, RM3, p.21)

The expansion of the CJNG throughout the country, along with constant battles between more than 200 groups to control urban and rural ‘plazas’ (territories), reflect the massive expansion of the national drug market that represents an increasingly significant source of income for the cartels (Nieto, 2018). According to the National Survey of Drug, Alcohol and Tobacco Consumption (ENCODAT) 2016-2017, drug use in Mexico increased by 47 percent since the application of the survey

five years earlier. Regarding consumption among adolescents between the ages of 12 and 17, data show an increase of 125 percent during the same period. This increase goes hand in hand with the growing power of the cartels that control urban neighborhoods and towns around the country. The establishment of a ‘narcotienda’ (drugstores) in one’s home is an entrepreneurial practice that is increasingly common to cover household expenses in a country where formal employment only reaches approximately 40 per cent of the population.

According to data from the same survey, Jalisco ranks first nationwide in the consumption of illicit drugs. Increased drug use in the state is due to the easy entry of pseudoephedrine from China through the ports of the Pacific to produce methamphetamines, the large number of synthetic drug laboratories in the region and, thus, the low price and easy access to crystal meth (López, 2017).

*“The country is at this moment expectant regarding missing persons. People are looking for their loved ones with passion, hope, fervor, and determination fueled by the heart, guided by the brain and the liver knotted up by the lack of results. What about those who are missing due to an addiction, arrive at the hospital, jail? Or those who can’t satisfy their appetite and consequently wander down the street with a lost gaze or an overdose sends them to eternal rest? Why doesn’t anyone ‘look for’ them with such inexhaustible zeal? This matter does not end when one dies, because another member of the family will likely be swallowed up by addiction.”*  
(Jorge, RM3, p.16)

Acts of violence against people with addictions and the younger members of organized crime groups who occupy the lower ranks tend to be universal. With a study on urban violence in North Philadelphia, Karandinos, Hart, Montero, and Bourgois (2015) refer to Bourdieu’s concept of symbolic violence, explaining how those who control the plazas exploit low-level street vendors, who assume the risks of violence

to defend the interests of the group for reasons of self-respect. In other words, the link with the power of organized crime, as part of their identity, justifies the violence they endure.

The installation of organized crime groups in communities has become more and more common throughout Mexico. These groups impose their own systems of justice and social policies on the territories they control, promoting 'paralegality', "a parallel order with its own resources, codes, norms and rituals" (García Canclini, 2010, p. 435). The preference of so many young people "excluded from the educational and labor systems, from information and legal entertainment" for the "new order" of paralegality, reveals how the institutions and norms of the Mexican State "are losing meaning, since they are not capable to offer what society needs" (García Canclini, 2010, p. 435)

*"Unfortunately, there is always something to buy and therefore there is no limit on how much money to make...the chances of falling into temptation grow when analyzing the earnings from a job with 'social security' to a job with the possibility of obtaining vast resources, quickly and easily."*  
(Jorge, RM3, p.12)

## Mexico's 'nacrocracy'

Rather than seeing organized crime as a parallel system of power, Luke Dowdney (2003, p. 71) presents it as a "concurrent presence" that exploits the weaknesses of the State. Cartels offer services and opportunities that the government, due to omission or corruption, no longer provides. In other words, the 'nacrocracy' is replacing democracy in Mexico, due to the failures and shortcomings of the State.

With so much corruption, respect for the law is limited in Mexico. Therefore, the distinctions between formal and informal, as well as legal and illegal, must be reconsidered, recognizing the fusion of these dichotomies when the same politicians whose campaigns were funded by a cartel lead the war on drugs. As José Manuel Valenzuela (2012) explains, the 'paralegality' intensifies with the collaboration between cartel members and police assigned to control the same territorial spaces.

*"They had me pull people in [to the cartel] with help from the area police chiefs...we had to get rid of their merchandise and have them work for the cartel; if they didn't want to join, they would go to prison with merchandise that we planted on them."*  
(Fernando, RM2, p.21)

In addition to corruption, other structural deficiencies have contributed to the extreme inefficiency of the Mexican criminal justice system. Unfortunately, the most recent Constitutional Reform of Justice has made little progress over the past 12 years. Throughout the country in 2019, 89.6% of homicides went unpunished (Impunidad Cero, 2020). In the state of Jalisco, considering all the crimes of common jurisdiction committed, only one of every 250 is criminally sanctioned (Zepeda y Jiménez, 2017). Mexico continues to be one of the countries with the highest impunity ratings in the world, only surpassed by the Philippines, India and Cameroon. In 2020, 99.3% of crimes committed in Mexico went unpunished (UDLAP, 2020).

In large part, impunity is due to failures in the investigation of reported crimes, but more relevant is the fact that 94.8% of crimes are not even reported to the police, revealing the general lack of confidence in the Mexican justice system (Zepeda y Jiménez, 2017).

Since 2008, the US has invested billions of dollars through the Merida Initiative to combat the flow of drugs from its southern border. However, the corruption of so many Mexican politicians, who respond to the interests of the cartels with higher direct economic incentives and

threats, has greatly limited the impact of the program. While policies and operations that complicate the entry of drugs into the US have had some success, little has been done to prevent the entry of arms into Mexico. In the words of Alejandro Madrazo, “If the checkpoints that today are looking for drugs on the roads that go from south to north were looking for weapons that flow from north to south, another rooster would be crowing” (Madrazo, et al., 2018 , p. 178).

## The spread of violence through narcoculture

One has only to turn on Netflix to note the growing popularity of ‘narcoculture’. The vast majority of series and films produced in this new genre are based in Mexico and are filled with violence. Additionally, a wide array of literature, from biographies to fictional best-sellers, videogames, comics and a multi-million-dollar music industry of ‘narcocorridos’ glorify narcoculture. As Becerra and Hernández (2019) point out, their popularity lies in the fact that they represent people who, despite coming from a context of poverty and social injustice, become rich and powerful by daring to get involved in drug trafficking. However, above all, people are fascinated by their success in what García Canclini refers to as the ‘new order’, revealing the corruption and inefficiency of the State. ‘reintegrate’ into society.

*“He kept telling me, “see how I live, if you work with me we will do even better.” Everything seemed to be real, everything was a party, I didn’t see him doing anything difficult. For two years he insisted and my refusal was firm, but without a job my vision was distorted and I started rolling with him. A part of me wanted to participate, I was tempted by the adventure, the excitement, the adrenaline and the money...it is easy to deviate from the path when there are possibilities to accelerate a process, having a dream in between. You can lose your dream on the way and you can also lose your way longing for a dream.”*  
(Jorge, RM2, p.25)

While narcocorridos date back to the 1940s, other entertainment industries began to get on board in the 1970s. Currently, the narcoculture mixes elements of Mexican popular culture with those of capitalist hyperconsumption, which tend to exalt opulence, transgression, impunity, and power (Becerra and Hernández, 2019, p.261).

The direct link between narcoculture and capitalism is fundamental for comprehending the fascination of this lifestyle, especially by impoverished youth. Mexico is one of countries with the most inequitable distribution of wealth in the world. Approximately 40% of the population lives below the poverty line and 10% of the population controls 42.2% of all income. This explains how the resources related to narcoculture are so attractive to impoverished youth in search of recognition, acceptance and social inclusion

*“As time passed I found myself working with them, enjoying many luxuries, money, women, cars and drugs, whims to fulfill my every desire.”*  
(Alberto, RM3, p.21)

Pedro described his ‘home’ while working with the Mata-Zetas in southeast Mexico:

*“The house where I lived was one of the benefits of work. It had a pool. 10 meters long and 5 meters wide, with a built-in Jacuzzi. The bedroom where he slept was the fifth one at the end of the second-floor hallway, with central air, overlooking the garden that had several ficus trees trimmed as dove figures, rose bushes of various colors and eight dwarf palm trees that lined the path to the entrance. The wall was covered with jasmine flowers, the kind that intoxicate you with their fresh scent when it rains. The garage fit two Lobo trucks, a Trail Blazer, a Cheyenne, and an Avalanche...”*  
(Pedro, RM2, p.30)

However, he says if he could go back in time he never would have gotten involved. “I’d give anything to be able to walk down the Veracruz boardwalk with my family without having to watch my back,” he confessed to in one of our last conversations. Aside from constant fear of losing one’s life, the power of organized crime comes with the price of being stigmatized by much of society.

## Stigma

Social stigmatization increases the probability that an individual will act a certain way (Goffman, 1963). In other words, labeling someone as a ‘delinquent’ increases the probability that he or she will commit a crime. When incarcerated men are labeled as ‘narcos’ or ‘sicarios,’ it is more probable for them to assume these labels as permanent parts of their identity, rather than struggling to overcome the stigma and ‘reintegrate’ into society.

*“[Almost immediately after arriving to the prison] I started to feel the looks that told me that I was no longer the same as when I was free. I began to feel like I was in another world...”*  
(Richard, RM3, p.41)

After multiple debates on the purpose and reality of the prison system in the Rompemuros seminar I coordinate with college students and men who are incarcerated in the Metro, we now generally use the term ‘reintegration’ to refer to the relationship between those who are or have been incarcerated and society, considering everyone involved in the process to be active subjects. Several participants have argued that the well-meaning liberal vision that labels incarcerated people as ‘excluded victims’ of society ignores the conscious decision of many to join cartels and harm others. Nonetheless, the limited educational and employment opportunities for lower-class Mexicans, reinforced by stigmas and discriminatory practices, must not be forgotten.

*“... And that’s how my life here began, capturing the scene of prison horrors, where you must prepare to seek victory and get ahead by not letting yourself be won over by the orange color [of the uniform] that gives you an identity before society.”*  
(Fernando, RM3, p.20)

## Confronting stigmas through education

During the past 25 years, over 38,000 students in seven different countries have participated in the Inside-Out Prison Exchange Program. Through Inside-Out, college courses are taught in prisons with combined groups of incarcerated and campus-based students. Through the diversity of the student body and a dialogue-based pedagogy, the program seeks to promote critical thinking and reduce barriers of social exclusion.

To date, the Jalisco State Penitentiary System is the first and only in Latin America to offer Inside-Out. I began implementing the program in Jalisco in 2016. Since then, several other professors from different universities have been certified as Inside-Out instructors and have joined the movement. At the end of 2017, students from a course I taught at the Metro presented a proposal to continue with the program by creating a literary magazine. Both the journal and the permanent seminar have become known as Rompemuros.

One of the main objectives of Rompemuros is to ‘humanize,’ and thus ‘destigmatize’ the authors by sharing their personal narratives and other reflective writing. This, in turn, aims to reduce stereotypes and discrimination of the overall population of people with criminal records.

*“Aware that currently the positions in the dialogue [between those who are incarcerated and those who are not] are unequal and merely exponential, we consider that each text helps to break down the walls, not the material ones, but the walls that prevent us from seeing ourselves as part of the same society.”*  
(Lucy, Jesús & Richard, RM1, p.17)

The development of autobiographical narratives in the course is complimented by other class activities that promote critical reflection and changes in the students' perception making processes. Participants have also reported changes in how they see themselves and in their life projects, thanks to the program. Through writing and dialogue, they expand their comprehension of personal and societal problems and often recognize how this has led them to consider new possibilities in their lives.

*“Socializing with different people has been a psychological therapy that invites me to write, strengthens me, makes me optimistic, gives me tools to create my emotional shield against social resentment and the imaginary labels that exist in my mind, due to the injustice, abuse and abandonment [I have experienced], where corruption can be smelled and illegality stinks.”*  
(Fernando, RM4, p.36)

*“Being part of this project gives me great satisfaction and...has allowed me to reconnect with people outside of prison. The most important thing is to keep learning. It makes me feel more secure because I can tell myself that I want to keep moving forward in my personal development and not stagnate like other people, even though I live locked up, paying for a mistake I made more than 15 years ago.”*  
(Luis, RM4, p.28)

The project also aims to stimulate social transformations by addressing stereotypes of people in prison through various channels. As Fernando explained in the presentation of the second volume of the journal,

*“In the three years since the Inside-Out program began in el Metro, countless students and graduates have passed through its classrooms, people from political life and comrades from the world of literature, who with their chronicles and narratives have enriched our writing ... And with them, our words and thoughts have crossed the walls, they have been liberated.*

*Those women, men and young people have taken them away. They have been published in the Rompemuros journal and on its website ... The success of this project is based on the encounters that have been facilitated, in-person and through publications, where our ideas and words are heard by others.”*  
(Fernando, 2019)

As can be seen with the citations from Rompemuros in this paper, the texts allow readers to see the authors as complex human beings, rather than limiting their perceptions of these men to the crime for which they were accused. This, in turn, may reduce the tendency to label others before getting to know them.

## Transformative learning behind bars

In addition to sharing their stories, which help us to understand the underlying social problems that have enabled the exponential growth of organized crime in Mexico, other texts in Rompemuros reveal the conscientization fostered by the program. Initial signs of these transformations can be noted with new ideas regarding the effects of structural violence and corruption in society. As Jon Mezirow explains, transformative learning refers to metacognitive reasoning that “emphasizes insight into the source, structure, and history of a frame of reference, as well as judging its relevance, appropriateness, and consequences” (2003, p.61). This is exemplified in the following excerpt from one of Pedro's texts:

*“We are witnesses to how some who are in positions of power do not learn from the past, they repeat the sad and pathetic history of others and stumble over the same stones. And what is worse, they inexcusably disappoint millions who believed in them and who deserve to live in a better country. As citizens, we have to participate more actively in the proposed laws, as they can serve to achieve the common welfare that we want.”*  
(Pedro, RM1, p.9)

Many others have manifesting how they now see themselves as 'agents of change', empowered with knowledge that can be used to motivate positive transformations in society.

*"The passing of the years and the classes have helped me to be another person. My thoughts and my advice now are very different, I believe and feel that now I am needed outside prison."  
(Richard, RM3, p.43)*

Thus, we can see a change in consciousness that not only reflects a personal transformation, but also a commitment to address some of the social problems we have examined in the seminar. As McWhinney and Marcos explain (2003, p.32), "the value of transformation [is] in developing a more conscious and involved population of adults." Being part of a collective movement dedicated to addressing a social problem that affects us all, has also been recognized several times in Rompemuros as a significant part of this transformation.

*"Those of us who are here in this amazing Inside-Out project, have a great commitment where we dream that the people need unity, and everyone can do their part, helping to change the system, so that in the future we can perhaps have readings where the social demand for justice is not felt."  
(Fernando, RM4, p.37)*

The idea of personal 'agency' that was emphasized in the collective decision to use the term 'reintegration' when referring to the relationship between those with criminal records and society as a whole is present in these reflections, as well. In the same way that people in prison should not be stigmatized with negative labels, the participation of these men in Rompemuros by no means guarantees that their ties with organized crime have been severed or that they will not commit another crime.

*"Many things can be said about imprisonment, some of us change for the better, others for the worse, the difference is in how each one wants to spend the time and if it is worth it to stay on the same path."  
(Marcos, RM3, p.32)*

Whatever the case may be, all participants express remorse for the pain and agony experienced by their families due to their imprisonment. Many of them claim that this pain surpasses the physical and psychological torture they have experienced.

*"My childhood crosses my mind and although I may not have noticed it at the time, I feel that I was happy, with loving parents who instilled values in me and, thank God, they are still with me. I don't know when I got lost. I climbed from one minor error to this one that has cost me a lot and I dragged my whole family along the way, without realizing it." (Eduardo, RM3)*

*"For me being behind bars is not a punishment, the punishment is seeing my family suffer, seeing what we lose by being here, realizing that we had so many good things in life that we took for granted. We never worry about the things that are really important. I often remember my son's voice telling me how much he loves me. He and his mother were everything to me. Of course I cannot erase the past or the scars it has left on me, and although it is very painful I can only learn from it, change the things that are not good and move forward." (Alberto, RM3, p.25)*

## Final Reflections

One of the activities I use to promote critical thinking in the Inside-Out courses I facilitate begins by presenting a quote from Lori Pompa, founding director of the program: “Crime is a problem, but it is also a symptom of a much deeper social problem, a societal dysfunction in which every one of us, by commission or omission, plays a part.” In the case of Mexico, this ‘societal dysfunction’ has evolved into endemic violence, expected and accepted to come not only from cartel members, but also from police and other public service agents, vigilantes and any citizen willing to step in and fill the void left by the failed system unable to respond to escalating crime rates. The growing tendency to use impunity as a justification for violence was noted by the citizens’ observatory Jalisco Cómo Vamos (2018) in a survey applied throughout the Guadalajara metropolitan area in which 28.4% of the population affirmed that they would ‘take the law into their own hands’ if a crime was committed against them.

In today’s newspaper (January 8, 2021), a headline reads ‘No interest in moving against torture in Jalisco’ (Osorio, 2021). The article explains how legislation passed in 2017 requires the state to establish an autonomous prosecutor’s office to attend accusations of torture. Not only does this office still not exist, the item has been erased from the state’s budget. However, all of the authors of Rompemuros were tortured by the police when they were arrested, interrogated and/or processed into prison.

*“The whole first night passed through questions, and the only breaks were the shift changes. Policemen arrived with their strength renewed, or perhaps my diminished energy perceived them that way. The facilities of the “14” [police station] have the capacity to produce murky memories, unpleasant ones that tend to return.” (Jorge, RM2)*

*“The third day [after they arrested me], I arrived at a place called ‘Arraigo’, which was nothing more than a tiny house*

*where about 50 people lived ... I spent 28 days in that place, between interrogations, rosaries and music on weekends, since in front of it is a place called ‘La Penca’, where they held parties every Friday. It was constant terror because every day different agents arrived for ‘interrogations’ and we all wanted to hide behind one another in a 3x3mt square room.”*  
(Eduardo, RM3)

*“892 takes off his clothes, his body trembles under his underwear, the voices stun him, his underwear falls to the ground, his skin bristles from the cold. He obeys. 892 goes to the steps that have been called the Ramp. 892 has never been more vulnerable than today. He touches the tips of his toes. Today he discovers who’s in charge.”*  
(Marcos, RM3)

The dream of unity revealing Fernando’s transformation through his participation in the project, and the hope of so many to once again live in a peaceful society, seem more and more distant from reality when we recognize how the system is based on responding to violence with more violence. In addition to the direct violence inflicted upon these men from the moment they are taken into police custody, they continue to be victims of structural violence. Human rights violations are the norm in Mexican prisons (CNDH, 2019). Once released, they are blocked from countless educational and employment opportunities because of their criminal records.

Despite all the harm being inflicted on and by different members of society, to speak of ‘normalized’ violence only makes things worse. Like the covid-19 virus, violence is one of the most serious problems facing Mexico today. Both viruses require a conscious collective effort if we hope to overcome the current crisis. As every group I have ever known to reflect on Lori’s quote has come to conclude, we all can, and should, do something to make a difference. Getting to know the authors of Rompemuros, all of whom have been labeled as ‘dangerous criminals’, by reading their narratives will likely lead us to realize that we have much more in common with these men than we ever could have imagined.

Furthermore, many readers will come to recognize stereotypes and stigmas hidden away in their subconscious.

These men's life stories have led me to see how their decisions, and the culture of organized crime in general, are based on the same values of neoliberal capitalism that dominate the rest of the Western world. Feltran (2019) presents an incredible ethnography that exemplifies how the contributions of 'dirty money' are essential for the success of transnational businesses. However, this symbiotic relationship is ignored by those pursuing economic success within the realm of 'legality'. By following the same dream, the poor end up in prison while the rich gain fame and fortune.

Contrary to its purpose of creating a safer, more peaceful society, the criminal justice system in Mexico, as in many Latin American countries, plays a fundamental role in perpetuating violence. However, Rompemuros and other prison education programs have been able to chisel cracks in the prison walls, through which a ray of light is able to germinate seeds of learning, healing and awareness, nourished by intra-personal connections stronger than prison barriers and social stigmas. It is these relationships that foster a collective appreciation of human life and may stop the spread of resentment and fear on which the endemic violence of Mexico thrives.

## Bibliografía

- Ángel, A. (2020, 22 de junio).  
18 meses con AMLO: han asesinado a más de 5, 800 mujeres y 1,800 menores. *Animal Político*. <https://www.animalpolitico.com/2020/06/18-meses-amlo-muertos-asesinados-mujeres-menores/>
- Azaola, E. (2012).  
La violencia de hoy, las violencias de siempre. *Desacatos*, 40, 13-32.
- Becerra, A. y Hernández, D. (2019).  
Fascinación por el poder: consumo y apropiación de la narcocultura por jóvenes en contextos de narcotráfico. *Intersticios Sociales* 9(17), 259-286.
- Bergman, M. (2012).  
La violencia en México: algunas aproximaciones académicas. *Desacatos*, 40, 65-76.
- Castillo García, G. (2020, 04 de octubre).  
El cártel Jalisco ya es el tercero más peligroso del mundo: DEA. *La Jornada*. <https://www.jornada.com.mx/ultimas/politica/2020/10/04/el-cartel-jalisco-ya-es-el-tercero-mas-peligroso-del-mundo-dea-6113.html>
- Comisión Nacional de Derechos Humanos (CNDH). (2019).  
Diagnóstico Nacional de Supervisión Penitenciaria (DNSP). [https://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/sistemas/DNSP/DNSP\\_2019.pdf](https://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/sistemas/DNSP/DNSP_2019.pdf)
- Dowdney, L. (2003).  
Children of the drug trade: A case study of children in organised armed violence in Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro: 7Letras*.

- Feltran, G. (2019).  
 (Il)licit Economies in Brazil: An Ethnographic Perspective. *Journal of Illicit Economies and Development*, 1(2), 145-154. doi: 10.31389/jied.28.
- Flores Pérez, C. (2016).  
 Cártel Jalisco Nueva Generación: elementos a considerar sobre la reconfiguración de las organizaciones del tráfico de drogas en México. R. Benítez Manaut & Aguayo Quezada, S. Atlas de la Seguridad y la Defensa de México. México: Instituto Belisario Domínguez del Senado de la República. <http://bibliodigitalibd.senado.gob.mx/handle/123456789/3418>.
- García Canclini, N. (2010)  
 Epílogo. La sociedad mexicana vista desde los jóvenes. En Reguillo, R. (coord.) Los Jóvenes en México (pp. 430-443). México: Fondo Cultural Económico.
- Goffman, E. (1963).  
 Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity. Simon & Schuster.
- Impunidad Cero. (2020, noviembre).  
 Impunidad en homicidios dolosos y feminicidios: Reporte 2020. <https://www.impunidadcero.org/articulo.php?id=142&t=impunidad-en-homicidio-doloso-y-feminicidio-reporte-2020>
- Jalisco Cómo Vamos (JCV). (2018a).  
 Encuesta de percepción ciudadana ¿Cómo nos vemos los tapatíos? <http://www.jaliscocomovamos.org/encuesta2018>.
- Karandinos, G., Hart, L.K., Montero Castrillo, F. y Bourgois, F. (2015).  
 The Moral Economy of Violence in the US Inner City in J. Auyero, F. Bourgois y N. Scheper-Hughes (eds.). *Violence at the Urban Margins*. New York: Oxford University Press. 41-72.
- Linares, A. (2018, 5 de febrero).  
 Cada año, 213.000 armas llegan ilegalmente a México desde Estados Unidos, según informe. *New York Times*.  
<https://www.nytimes.com/es/2018/02/05/cada-ano-213-000-armas-llegan-ilegalmente-a-mexico-desde-estados-unidos-segun-un-informe/>.
- López Villalobos, I. (2017, 18 de octubre).  
 Crece el consumo de drogas en Jalisco. *El Occidental*. <https://www.eloccidental.com.mx/local/crece-el-consumo-de-drogas-en-jalisco>.
- Madrazo, A., Monárrez, J.E., Camus, M. & Maldonado, S. (2018).  
 Discrepancias en torno a la Ley de Seguridad Interior. *Encartes Antropológicos*, 1(1), 169-181. <https://www.encartesantropologicos.mx/la-ley-de-seguridad/>.
- Marcial, R. (2015).  
 “Fue el Estado”: El caso de los jóvenes desaparecidos de Ayotzinapa y la crisis política en México. *DESIDADES-Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude*, (6).  
<https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2614>.
- McWhinney, W. y Marcos, L. (2003, Jan).  
 Transformative Education. *Across the Threshold. Journal of Transformative Education* 1 (1). Pp. 16-37.
- Mezirow, J. (2003, Jan).  
 Transformative Learning as Discourse. *Journal of Transformative Education* 1 (1). Pp. 58-63.

Nieto, N. (2018).

The development of narco trafficking and corruption in Mexico. *Anuario Latinoamericano Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales*, 6, 213-234.

O'Neill, K.L. & Fogarty-Valenzuela, B. (2015).

On the Importance of Having a Positive Attitude. En Auyero, J., Bourgois, P. & Scheper-Hughes, N. (Eds.), *Violence at the Urban Margins* (pp. 73-92), New York: Oxford University Press.

Osorio, E. (2021, 08 de enero).

No interesa ir contra tortura en Jalisco. Mural. <https://www.mural.com.mx/no-interesa-ir-contra-tortura-en-jalisco/ar2101998?referer=-7d616165662f3a3a6262623b727a7a7279703b767a783a-->

Strickland, D. (2019)

Jóvenes, violencia y miedo. La (in)seguridad del Cerro del Cuatro. El Colegio de Jalisco.

UDLAP. (2020).

Índice Global de Impunidad 2020. <https://www.udlap.mx/cesij/files/indices-globales/0-IGI-2020-UDLAP.pdf>

Zepeda, G. y Jiménez, P. (2017).

Buenas prácticas para que Jalisco desarrolle el potencial del nuevo sistema de justicia penal, en M.P. Moloeznik y A. Rodríguez Sumano (coords.) *Seguridad y Justicia en Jalisco*. Guadalajara, UdeG/Coecytjal. 370-395.